

TARSILO DO AMARAL

– A MODERNISTA

NÁDIA BATTELLA GOTLIB

Ricardo Iannace*

UM RETRATO FULGURANTE

■ Algumas vidas parecem reclamar um enredo, ofertando-se quando narradas à luz de um gênero denominado Biografia. Com efeito, certos textos, em contornos sutis, elaboram justamente a trama dessas personalidades. E dentre os engenhosos no ofício, ou, se se preferir, na composição dessa escritura envolvida com altivos itinerários, inclui-se a biógrafa e ensaísta Nádia Battella Gotlib.

Ao analisar perfis extremados pela singularidade, quer o da escritora Clarice Lispector, quer o da artista plástica Tarsila do Amaral, respectivamente examinadas em *Clarice – uma vida que se conta*, de 1995, e *Tarsila do Amaral – a modernista*, de 1998, Nádia Gotlib afiança quanto vida e obra podem de fato se mostrar imbricadas. Nesse sentido, estaria a biógrafa considerando certa observação de Michel Foucault, para quem o Autor, sob a perspectiva da crítica literária moderna, “é aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações”, porque é “igualmente o princípio de uma certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência”. O Autor – complementa o pensador francês – “é uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos, etc.”.¹

Rastrear-lhe a produção, eleger estâncias e atos cívicos que atestem a passagem deste sujeito pelo mundo, valorizando ou mesmo desprezando pormenores de sua vida, afiguram-se etapas essenciais do trabalho de um

* Bacharel em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP.

¹ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? 2.ed. Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1992. p.53-4.

biógrafo. Pois é antes a seleção e arranjo do montante desse material, o método encontrado para dimensionar a gama de informações que se aliam a pontos de vista do pesquisador acerca do objeto retratado, o que sem dúvida outorga relevância a um ensaio biográfico. Acresce que o *glamour* desse tipo de ensaio pode resultar também de uma escrita estilizada.

A propósito, a autora da biografia de Tarsila do Amaral denota sensatez em tais combinações. Assegura, ao recuperar personagens e contextos incisivos da cultura nacional, que uma produção estética *conta* muito a respeito de seu feitor. Eis que Nádia Gotlib, no referido trabalho em torno da terceira esposa de Oswald de Andrade, percorre as pinturas de uma mulher que decide, em ocasião especial, presentear o marido com uma de suas telas – *Abaporu* –, obra que preludia, aliás, substantiva vertente do nosso Modernismo: a Antropofagia.

Mas nesse livro, antes de o leitor assimilar as ponderações relacionadas ao movimento antropofágico, decerto já se encontra enlevado pelo clima caloroso no qual se desenvolve o Modernismo brasileiro. Desde logo, reconhece em Tarsila uma mulher irradiante, identificada com a Semana de 22, sem mesmo ter ela participado dessa manifestação. Emergem, em capítulos precedentes ao “Antropofagia”, particularidades da formação clássica da menina nascida em Capivari, interior de São Paulo, cujos pais, fazendeiros, exigiam rigor nas etiquetas domésticas. É possível acompanhar, em meio a tantos outros registros, os estudos da debutante Tarsila – seus antigos professores de desenho, os traços ainda em constituição, os *tons* que anunciam transgressividade... Afinados, anos depois, com propostas de vanguarda depreendidas fora do país, nos primeiros embarques e desembarques da pintora pela Europa.

Inúmeros flagrantes, chapiscados em escrita fluente e econômica, ganham expressão nas páginas introdutórias desse volume ilustrado. Em “Esboço”, delineiam-se – tal como num ensaio em grafite – planos que vêm adquirir definição nos capítulos subseqüentes. *A priori*, são lançados apenas índices biográficos, a partir dos quais se modelam considerações privilegiadas quanto a determinados surtos estéticos. Assinala a biógrafa:

O modernismo desrecalca, aceitando certos valores até então rejeitados ou então ignorados pela cultura oficial. E Tarsila desrecalca.

Desrecalca fazendo emergir da indiferença ou desvalorização a realidade caipira do interior e da roça, em cores caipiras de rosa e azul. São casinhas, pontes, altares de santos com flores de papel crepom.

Desrecalca, deixando emergir dos seus subterrâneos mentais monstros-aves, plantas-bichos, seres estranhos, num verde-amarelo-azul intensos que se acoplam à presença forte da cor terra, compondo um universo de mistério e de sonho, com poderosas raízes míticas.

E desrecalca quando retrata a miséria dos viajantes nas estações, subnutridos e desamparados, ou os operários das fábricas, numerosos, peças do mecanismo cruel da industrialização que despersonaliza. (p.20-1)

Em tal cenário, que cintila estampas em cores vivas, narra-se a *belle époque* paulistana, na São Paulo de trilhos elétricos, onde transitam intelectuais e artistas integrados ao convívio de Tarsila. Nessa cidade, à rua Vitória, n.133, fixa-se o ateliê da pintora, regularmente freqüentado por

Mário de Andrade, Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade que, em companhia da própria locatária, formam o Grupo dos Cinco, tal como ficaram conhecidos. Cinco figurantes entusiastas, na “Paulicéia” já então “desvairada”.

A São Paulo *inspiração* de Mário de Andrade, caracterizada em seus versos como “Arlequinall!...”, em “Traje de losangos... Cinza e ouro...”, a cidade que emana “Perfumes de Paris...”, ocupa vários parágrafos desse ensaio que liga pontos geográficos. A Paris da Place Clichy e da Tour Eiffel ata-se ao ritmo urbano do Vale do Anhangabaú, ao Morro e ao Pão de Açúcar cariocas, todos inteirados à vida e às tintas de uma representante modernista.

Modernista-anfitriã, que levou à França as origens de sua nação, servindo “pinga, feijoada, cigarro de palha e café cheiroso” aos amigos dali, que puderam identificar em Tarsila a construtora de *formas* tropicais, enquanto expunha, em terras estrangeiras, cactos, mamoeiros, Carnaval... além de bandeiras típicas de festa de São João. Fundem-se a essa textura, na obra de Nádia Gotlib, algumas poesias, de Mário e de Oswald de Andrade, de Gilka Machado, que no caso teria incentivado a criação de versos como os que escrevera a própria biografada na fase da juventude, bem antes de imaginar-se desenhando e ilustrando poemas e capas de livros de ficção – *Feuilles de Route. I – Le Formose*, de Blaise Cendrars, e o livro *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade.

O diferencial dessa narrativa biográfica reside sobretudo na justaposição de universos estéticos. Na exposição, conjugam-se pintura e literatura modernistas, recompondo pelas beiradas da história casos como o de Anita Malfatti e do crítico Monteiro Lobato, a chegada de Pagu à vida conjugal de Tarsila e Oswald, o obscuro desentendimento entre o autor de *Memórias sentimentais de João Miramar* e o de *Macunaíma*. Enfim, todas essas passagens que rendilharam o quadro Modernismo, agora organizado em livro-álbum, ao exibir pertences e reunir dados da artista que no ano de 1931, em Paris, “sem dinheiro, trabalha como operária de construção, pintora de paredes e portas”, que é presa em 1932, ano após o seu regresso ao Brasil, por ter comparecido a reuniões de esquerda.

Livro-álbum com marcas de *dossier*, no qual se encerram fotografias, cartões-postais, bilhetes, anotações e documentos pessoais; correspondências entre a biografada e seus familiares; cartas afetivas trocadas com o amigo Mário de Andrade; reproduções de quadros e auto-retratos de Tarsila do Amaral, ornada com brincos longos, chegando à altura dos ombros.

A obra de Nádia Gotlib vem, sugestivamente, emoldurada pelo poema “Tarsila/Brasil”, de Carlos Drummond de Andrade, cujas estrofes embalam os capítulos desse exemplar que se abre e fecha com floridos pés de manacá.

GOTLIB, Nádia Battella
<i>Tarsila do Amaral – a modernista</i>
São Paulo: SENAC, 1998
215p.